

## APRESENTAÇÃO

# BISSEXUALIDADE EM FOCO: DIFERENTES CENÁRIOS, POLÍTICA E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO

*Helena Monaco<sup>1</sup>*  
*Inácio Saldanha<sup>2</sup>*  
*Danieli Klidz̃io<sup>3</sup>*

O tema deste trabalho é a bissexualidade, ainda insuficientemente problematizada enquanto categoria e pouco explorada no campo das pesquisas sobre sexualidade. (Regina Ferro do Lago, 1999, p. 1).

O próprio “mito” (como o chama Lewis) da escassez de trabalhos é sintomático da falta de disseminação deles, da ausência quase total de referências a esses trabalhos nas produções sobre homossexualidade, lesbianidade, feminismo, estudos de gênero e queer, que têm mais visibilidade do que os estudos sobre bissexualidade. As estudiosas da bissexualidade bebem desses outros campos, mas essa é uma via de mão única. A aparência de ineditismo em uma pesquisa sobre bissexualidade, nesse sentido, é um sintoma da invisibilidade bissexual, inclusive na academia. (Helena Monaco, 2020, p. 18-19).

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: helenamonaco@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8505-8487>.

<sup>2</sup> Doutorando em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas. E-mail: inaciosants@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2188-9905>.

<sup>3</sup> Doutoranda em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: danieli.klidzio@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2367-6276>.

Gênero e sexualidade estão entre os grandes temas no debate público no Brasil contemporâneo. Vimos nos anos 2000 um período de florescimento e institucionalização, tanto de movimentos feministas e LGBTQIAP+, quanto das pesquisas sobre gênero e sexualidade nas universidades e institutos do país. Esse fenômeno foi seguido pela ascensão de grupos conservadores ao poder com uma forte retórica anti-gênero. Ainda assim, ataques midiáticos e institucionais a direitos e estratégias desses ativismos dividiram espaço com a multiplicação temática e a relação com diferentes perspectivas políticas e teóricas. Para pessoas pesquisadoras como a antropóloga Regina Facchini (2020), entram em jogo tensões internas no campo ativista que envolvem a formulação de identidades definidas para a operação institucional e a emergência de categorias associadas ao reconhecimento da experiência. Entre estas últimas, está a “bissexualidade”, cujo ativismo estaria bastante à vontade com identidades que passaram a circular mais amplamente nos últimos anos, como assexuais e pansexuais (VAS, 2021). Trata-se de um tema que provoca o interesse científico de forma esparsa e descontínua desde a década de 1990 no Brasil, mas que vem tomando contornos de um debate coletivo e integrado a partir dos anos 2010 (SALDANHA *et al.*, 2022).

Existe uma diferença marcante, em termos de visibilidade, em torno dos diferentes grupos enfocados pelos discursos políticos e pelos estudos científicos. Essa diferença se deve aos fatores históricos que constituíram o desenvolvimento de uma literatura e de um ativismo interessados nessas questões. As citações que abrem essa apresentação são das dissertações de mestrado de duas antropólogas, distantes em vinte anos no tempo. Regina Ferro do Lago (1999), estudando a identidade bissexual masculina em um projeto de prevenção ao HIV/Aids, iniciou seu trabalho salientando a carência de publicações sobre o tema. Helena Monaco (2020), por sua vez, apresentou considerações sobre a aparência de “ineditismo” dos estudos sobre bissexualidade em um estudo que envolveu um ativismo bissexual variado e um uso político da internet. A questão, mais do que o acúmulo numérico da produção e se deveria ser maior ou não, está nas condições em que o tema encontra interlocutores e uma recepção interessada no interior dos estudos de gênero e sexualidade. Com uma bibliografia que

se intensifica a partir do esforço de jovens pesquisadoras e pesquisadores, a contribuição teórica da bissexualidade como uma categoria de interesse científico é uma questão determinante para o amadurecimento do debate em torno dela no Brasil.

A partir dos anos 2000, a noção de “apagamento” tem permitido a elaboração de análises temáticas de alcance e profundidade cada vez maiores. Isso se deve, em particular, ao fortalecimento de um ativismo bissexual brasileiro que atua com linguagens e espaços diversos. Talvez um marco inicial na adoção dessa noção como recurso analítico seja a pesquisa da socióloga Camila Dias Cavalcanti (2007), que foi a primeira a focalizar um grupo de ativismo bissexual no país: o Núcleo Bis, que fez parte do grupo Estruturação, ONG homossexual que atuava em Brasília. Hoje, a produção sobre o tema começa a ser significativa nos cursos de pós-graduação de diferentes áreas do conhecimento.

Dentre as áreas, há um especial destaque para a comunicação: marcada por estudos sobre representação e representatividade que colocam a mídia como um dos principais cenários do debate. Na psicologia é apropriada uma das pautas fundamentais do ativismo bissexual contemporâneo: a saúde mental e seus fatores sociais que a comprometem em contextos de discriminação. Esses aspectos da produção também indicam uma concentração em metodologias qualitativas de recorte limitado, e uma continuidade na carência de dados sociodemográficos sobre o que poderíamos chamar hoje de população bissexual no Brasil.

Do ponto de vista analítico, essa recente produção dedicada ao tema tem convergido no sentido de apontar uma experiência de dupla discriminação (que viria de homo e heterossexuais) e elaborar categorias de análise que valorizam a especificidade, geralmente em diálogo com o vocabulário do movimento social. No Brasil, os debates sobre noções como “bifobia”, “monossexismo” e “apagamento” se desenvolvem em diferentes espaços, inclusive nos acadêmicos.

Destaca-se, além do crescente número de publicações, a promoção de eventos e simpósios temáticos relacionados ao tema, especialmente o Seminário Nacional de Estudos Bissexuais (SENABI), que reuniu pesquisadores de diferentes gerações em 2021 e 2023. Em consonância

a isso, ativismos e espaços de debate sobre bissexualidade têm crescido e se solidificado, especialmente com o surgimento de coletivos bissexuais por todo o país a partir da década 2010. Destaca-se a criação da Frente Bissexual Brasileira, que articula ativistas nacionalmente desde 2020, e da Rede Brasileira de Estudos sobre Bissexualidade e Monodissidência (REBIM) reestruturada em 2023, mas que reúne estudantes e pesquisadores desde sua forma anterior como grupo de estudos criado em 2019. Nesse contexto, até mesmo a divulgação científica a partir da internet tem se expandido. Durante a pandemia de Covid-19, projetos idealizados por jovens pesquisadoras como a Bi-Biblioteca<sup>4</sup> e o Bi na Mídia<sup>5</sup> fizeram de plataformas digitais meios de difusão dos debates emergentes sobre esse tema.

Essas mudanças foram atualizadas pelo fim da pandemia e a reorganização das disputas políticas promovidas pela volta da esquerda ao governo no Brasil. Em um contexto de retomada das atividades presenciais, os eventos nacionais tornaram-se vitrine para a consolidação de um campo renovado. Assim, a primeira edição do SENABI foi realizada de forma remota em parceria com o Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Dois anos depois, a REBIM organizou a segunda edição em formato híbrido com o Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). A primeira edição incluiu mesas, conferências e uma roda de conversa. Dessa vez, o seminário contou também com sessões de grupos de trabalhos on-line em que foram apresentadas pesquisas de pessoas de todo o país. Os anais, recém-publicados, foram apresentados poucas semanas antes do presente dossiê.

O caráter aparentemente recente dos estudos sobre bissexualidade no Brasil também parece contrastar com o acúmulo que estaria presente

---

<sup>4</sup> Perfil de divulgação científica sobre bissexualidade na rede social Instagram, criado em 2021 pelas pesquisadoras Helena Monaco e Danieli Klidzio. Disponível em: [https://www.instagram.com/bi\\_biblioteca/](https://www.instagram.com/bi_biblioteca/). Acesso em: 21 de outubro de 2024.

<sup>5</sup> Perfil na rede social Instagram, que discute a representação bissexual na mídia, criado em 2020 pela pesquisadora Talitta Cancio. Disponível em: <https://www.instagram.com/binamidia/>. Acesso em: 21 de outubro de 2024.

em contexto internacional. Desde 2000, o *Journal of Bisexuality* tem sido publicado como um periódico científico especializado no tema e abrange uma variedade de enfoques metodológicos e recortes empíricos. Seu primeiro editor, Fritz Klein, notabilizou-se por estudos sobre sexualidade, com especial atenção para a bissexualidade, desde os anos 1970 (KLEIN, 1991). Porém, balanços recentes apontam a concentração dessa produção nos Estados Unidos, e relativas concentrações regionais, como no caso do Reino Unido, no contexto da Europa (MALIEPAARD & BAUMGARTNER, 2021). O Brasil, nesse sentido, se destaca agora como um dos epicentros da distribuição regional dessa produção.

A proposta deste dossiê nasce como um dos desdobramentos desse fenômeno, a partir de discussões e estratégias de divulgação traçadas no interior da REBIM, da qual fazem parte as três pessoas organizadoras. Após a realização do I SENABI, cujo tema fez alusão aos trinta anos de pesquisas no Brasil, a oportunidade de publicação de um dossiê em língua portuguesa é uma forma de garantir possibilidades de veicular a existência e as próprias transformações do debate em outros contextos globais. Assim, dá-se um passo inicial (mas importante) na garantia de interlocução para além dos grandes centros da produção de conhecimento.

Entretanto, ainda não são numerosos os espaços dedicados a reunir essa variedade de trabalhos e colocá-los em debate, oferecendo panoramas coletivos e balanços críticos mais profundos. Sendo assim, este dossiê tem o objetivo de promover a circulação e um maior diálogo entre as pesquisas sobre bissexualidade, contribuindo para suprir uma demanda interdisciplinar de formação e de reconhecimento da bissexualidade como um tema de interesse dos estudos de gênero e sexualidade e objeto de estudos em diferentes áreas. Os trabalhos aqui reunidos se debruçam sobre diferentes enquadramentos analíticos da bissexualidade, que refletem a pluralidade de possibilidades desse jovem campo interdisciplinar na interpretação de práticas e sujeitos que tensionam parâmetros binários de sexualidade e gênero. Dessa forma, não apenas apresentamos uma amostra do debate, mas também de esforços de ampliá-lo e problematizá-lo.

A chamada para submissões ao dossiê temático, acolhido pela *Revista Temáticas* como um dossiê aberto, continha uma apresentação que

visava acolher pesquisas e reflexões sobre outras identidades associadas ou relacionadas à bissexualidade. Não foram recebidos, porém, textos sobre pansexualidade, assexualidade, polisssexualidade ou outras. Trata-se do primeiro dossiê conhecido atualmente sobre o tema no Brasil, e a falta de submissões com interesses mais abrangentes levanta algumas questões. Haveria, de fato, uma falta de produções sobre essas outras categorias emergentes no campo nacional? Ou há uma limitação nas redes em que se conectam essas categorias como interesses de pesquisa? As respostas têm implicações teóricas e políticas que ficam para o futuro e provocam a abertura de novas linhas de investigação sobre o tema, mas também sobre a própria produção de conhecimento sobre ele.

Iniciamos o dossiê com o artigo “A monossexualidade em debate: classificações e genealogias possíveis”, de Inácio Saldanha. Nele, o autor faz uma ampla revisão dos usos científicos e políticos de uma categoria central nos debates contemporâneos sobre bissexualidade: a categoria “monossexual”. Apesar de ter sido retomada e, em grande medida, ressignificada pelo movimento bissexual muito fortemente - em especial com a elaboração recente da categoria “monodissidência” no âmbito do ativismo brasileiro - Saldanha mostra que “monossexual” é uma categoria com uma origem científica antiga. As mudanças nos entendimentos da “monossexualidade”, assim como de outras categorias, refletem também processos históricos e seu envolvimento com concepções mais amplas de gênero, sexualidade e sujeitos políticos. Assim, apesar de não ser uma revisão sobre os estudos bissexuais em si, a genealogia de Saldanha permite vislumbrar uma espécie de panorama de algumas das discussões que envolveram a bissexualidade ao longo dos anos, nas linhagens científicas e ativistas, podendo introduzir a temática a pessoas que não tenham contato prévio com ela, antes de seguir para os outros temas tratados no restante do dossiê.

O segundo artigo do dossiê, “Visibilidades em rosa, roxo e azul: bissexualidade, ativismo e produção acadêmica”, escrito por Danieli Klidzio, apresenta uma visão panorâmica de diversas iniciativas bissexuais recentes, em particular aquelas criadas durante a pandemia de Covid-19.

A pesquisadora observa que iniciativas acadêmicas e de ativismo, como a Frente Bissexual Brasileira e o Grupo Amazônida de Estudos sobre Bissexualidade (GAEBI) - que recentemente deu origem à REBIM - contribuem em objetivos comuns e, especialmente, na construção coletiva de “visibilidades bissexuais”. Nesse cenário, as mídias digitais aparecem como elemento central na articulação nacional e construção de alianças entre sujeitos e organizações bissexuais. Além disso, a noção de “visibilidades” é trazida como ilustrativa de movimentos cada vez mais frequentes de criação de espaços e oportunidades de debate da bissexualidade que comunicam demandas sociais e políticas em torno dessa identidade. Nesse sentido, visibilidade é palavra presente no vocabulário bissexual como condição gerada por sujeitos e iniciativas que trazem a bissexualidade como centralidade.

No artigo “‘Eu ficava desconfiando de mim mesma’: saúde mental e bissexualidade entre biolegitimidade e injustiças epistêmicas”, Helena Monaco e Jamilie Santos de Souza discutem os processos de sofrimento psicossocial da população bissexual, a partir dos conceitos de biolegitimidade e injustiça epistêmica, em diálogo com Didier Fassin (2003; 2012) e Miranda Fricker (2007), respectivamente. O tema da saúde mental é muito caro tanto ao movimento bissexual (nacional e internacionalmente) quanto às pesquisas sobre o tema, que vêm sugerindo reflexos dramáticos das violências sofridas por bissexuais nesse aspecto de suas vidas, como mostram as autoras. O artigo contribui, assim, para compreender não apenas esse sofrimento, mas os modos pelos quais ele costuma ser deslegitimado quando enunciado por pessoas bissexuais. Monaco e Souza argumentam que pessoas bissexuais não são consideradas sujeitos legítimos para relatar sofrimentos ou violências específicas vivenciadas por elas mesmas, o que pode levar até mesmo à sua revitimização quando buscam profissionais de saúde para mitigar esse sofrimento. Não obstante as dificuldades enfrentadas, as autoras apontam para algumas estratégias de acolhimento que vêm sendo desenvolvidas especialmente pelo movimento bissexual para atender essa população, como na recente conquista da resolução 08/2022 do Conselho Federal de Psicologia.

Escrito por Shiro Yuri Takeuti, o artigo “Bissexualidades, cinema latino-americano e recepções: possibilidades interpretativas” representa no dossiê uma área importante dos estudos bissexuais no Brasil, interessada em compreender as formas como a bissexualidade é representada em diferentes mídias e na ficção. Através de entrevistas e da análise das obras, Takeuti discorre sobre as representações bissexuais nos filmes *E sua mãe também* (2001), *Contracorrente* (2009) e *Paraísos artificiais* (2012). Ao tratar de representação, Takeuti olha para o campo da recepção a partir de análises sobre a identificação por parte das pessoas interlocutoras de sua pesquisa. O artigo contribui, portanto, para pensar a construção de personagens e narrativas bissexuais no cinema e nas artes de um outro ângulo metodológico, que desloca a ênfase nos personagens, presente na maior parte dos estudos sobre bissexualidade e representação no Brasil. A partir de algumas possibilidades de autoidentificação acessadas, elabora uma discussão sobre estereótipos da bissexualidade e tensiona como questões referentes a raça e classe devem ser contempladas para que haja maior sentimento de identificação de bissexuais enquanto espectadores.

Na sequência, temos o ensaio “Encruzilhadas de mim: o percurso de pertencimento a partir da escrevivência de uma mulher negra bissexual em Belém-PA”. Com o uso da noção de “escrevivência” de Conceição Evaristo (2016) como recurso metodológico, Aline Stefany Queiroz Leite e Rodrigo Cleber Leão de Oliveira refletem sobre o pertencimento a partir da trajetória da primeira autora como mulher negra bissexual no trânsito entre as cidades paraenses de Bragança e Belém. Por uma perspectiva descolonial, Leite e Oliveira olham para territórios e contextos entendendo-os como constituídos por estruturas cisheteronormativas e binárias que influem no autorreconhecimento. Em meio a isso, a noção de coletividade é central, pois é a partir dela que é articulada uma retomada de si através do aquilombamento como acolhimento e resistência. A reflexão proporcionada por esse texto contribui para uma análise que conjuga elementos de raça, gênero e sexualidade para pensar dimensões da identidade bissexual em contextos de interior e da cidade grande. Além disso, coloca o debate sobre bissexualidade em contato com categorias e metodologias produzidas por outras matrizes de pensamento e ação política.

Além dos artigos, o dossiê conta com a tradução do texto clássico “Bissexualidade: do que se trata?” da antropóloga Margaret Mead, por Jinx Vilhas. Publicado originalmente em 1975 na revista feminina estadunidense *Redbook*, o texto de Mead é muito citado em estudos bissexuais estrangeiros por buscar normalizar a bissexualidade junto a um público amplo, há quase meio século. Argumentando pela necessidade de superação de tabus e por uma libertação sexual, o texto contribui para pensar a bissexualidade como preferência possível para além da imposição da heterossexualidade e da homossexualidade como únicas oportunidades de inteligibilidade. Toca na necessidade de desafiar crenças culturais e posturas tradicionais no que diz respeito à sexualidade humana, para que a bissexualidade possa ser reconhecida, caracterizando-se como um exercício do direito ao respeito e à dignidade. O texto é permeado por retornos a exemplos históricos e culturais em que bissexuais são vistos para demonstrar que a novidade não está nesta forma de sexualidade, mas sim na ampliação da consciência sobre a capacidade humana de se relacionar.

Fechamos o dossiê com a entrevista com Fernando Seffner, por Inácio Saldanha, intitulada “Conexões e trajetórias nos estudos sobre bissexualidade do Brasil: uma entrevista com Fernando Seffner”. Seffner é historiador de formação e pesquisador da área da educação, dedicando-se a temas como ensino e sexualidade, mas além disso é autor da primeira tese de doutorado sobre bissexualidade no Brasil. Defendido em 2003 na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) com a orientação de Guacira Lopes Louro, o trabalho foi uma análise de representações sociais sobre a bissexualidade masculina no contexto da segunda metade da década de 1990 no Brasil. A pesquisa derivou de um projeto de financiamento internacional para pesquisas sobre HIV/Aids no país. Passados vinte anos da defesa da tese, Saldanha propôs um retorno à questão da bissexualidade para o professor e pesquisador, que hoje também é membro da REBIM. A entrevista apresenta um diálogo entre gerações de pesquisadores da bissexualidade, que conversam sobre as mudanças e permanências teóricas e políticas no campo da sexualidade ao longo das últimas décadas. Além disso, oferece uma oportunidade ímpar para conhecer mais da trajetória

de vida e pesquisa de Seffner, responsável por uma das mais influentes pesquisas sobre o tema no Brasil.

Em seu conjunto, os textos reunidos apontam para os esforços contemporâneos de multiplicar as possibilidades teóricas, metodológicas e analíticas para se pensar a bissexualidade. Além disso, a variedade de escalas e relações entre cenários globais, regionais e locais trazem especial atenção para o uso crítico de categorias como “estrutura”, “rede” e “trânsito”. Cada um ao seu modo, os trabalhos apontam para a inventividade e a agência de sujeitos bissexuais para além da simples constatação de apagamentos e invisibilidades. Assim, bissexuais não aparecem como meras vítimas de violências e de um sofrimento específico, mas também como atores sociais e políticos, com projetos e intencionalidades próprias. Oportunamente, agradecemos as contribuições e o trabalho minucioso das pessoas pareceristas que foram fundamentais para o aprimoramento dos artigos que compõem este dossiê. Esperamos, com ele, contribuir para o amadurecimento e a disseminação dos debates que vêm sendo desenvolvidos no país.

## REFERÊNCIAS

- CAVALCANTI, Camila Dias. *Visíveis e invisíveis: práticas e identidade bissexual*. Dissertação de Mestrado em Sociologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.
- EVARISTO, Conceição. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Rio de Janeiro: Malê, 2016.
- FACCHINI, Regina. De homossexuais a LGBTQIAP+: sujeitos políticos, saberes, mudanças e enquadramentos. In: FACCHINI, Regina; FRANÇA, Isadora Lins (org.). *Direitos em disputa: LGBTI+, poder e diferença no Brasil contemporâneo*. Campinas: Editora da Unicamp, 2020, p. 31-69.

- FASSIN, Didier. Governar por los cuerpos, políticas de reconhecimento hacia los pobres y los inmigrantes en Francia. *Cuadernos de Antropología Social*, n. 17, p. 49-78, 2003.
- FASSIN, Didier. *Humanitarian reason: a moral history of the present*. Berkeley: University of California Press, 2012.
- FRICKER, Miranda. *Epistemic injustice: power and the ethics of knowing*. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- KLEIN, Fritz. *The bisexual option*. West Hollywood: American Institute of Bisexuality, 1993.
- LAGO, Regina Ferro do. *Bissexualidade masculina: dilemas de construção de identidade sexual*. Dissertação de Mestrado em Saúde Coletiva, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.
- MALIEPAARD, Emiel; BAUMGARTNER, Renate. Bisexuality in Europe: introduction to the field and this book. In: MALIEPAARD, Emiel; BAUMGARTNER, Renate (org.). *Bisexuality in Europe: sexual citizenship, romantic relationships, and bi+ identities*. Nova York: Routledge, 2021, p. 1-17.
- MONACO, Helena. “*A gente existe!*”: ativismo e narrativas bissexuais em um coletivo monodissidente. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.
- SALDANHA, Inácio; MONACO, Helena; CRUZ, Beatriz. Bissexualidade, ativismo e produção de saberes: notas introdutórias sobre os estudos e movimentos bissexuais. *Revista Anômalas*, Catalão, v. 2, n. 2, p. 139-159, 2022.
- VAS, Dani. *Militância como convite ao diálogo: o caso da militância monodissidente*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Experimental, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.